

Arte e História: a pintura de Bruegel e o ensino de História

Érica Ramos Moimaz, Ana Heloisa Molina**

Resumo

Este artigo resulta de estudos e leituras realizados no decorrer do ano 2000, para verificar se o uso do documento iconográfico como fonte documental, contribui para melhor compreensão histórica das sociedades. Possibilita, desta forma, conhecer a utilização da pintura como objeto portador de qualidades artísticas e fonte documental. Para realizar um estudo sobre arte e história, escolhemos o período renascentista, em particular o período renascentista flamengo, caracterizado pela pintura de gênero, em que os artistas procuravam pintar cenas inspiradas na vida cotidiana. Por isso, apresentamos no decorrer do texto algumas questões sobre o contexto histórico cultural do período renascentista. Com o objetivo de refletir sobre o uso da pintura na sala de aula, escolhemos obras de Pieter Bruegel, pintor que viveu nas cidades flamengas durante o renascimento cultural europeu. Bruegel é considerado o maior dos mestres flamengos da pintura de gênero no século XVI, concentrando-se em cenas da vida camponesa, nas pequenas aldeias rurais do norte europeu. Também utilizamos estudos que auxiliem na compreensão dos elementos presentes nas obras de Bruegel. Desta forma, utilizamos análises realizadas por historiadores como Fernand Braudel e Peter Burke. Para analisar o uso da pintura no ensino de História, foram realizadas atividades com os alunos da 1ª série A do Ensino Médio do Colégio Estadual Professora Regina Tokano – Ensino Médio, município de Uraí – Paraná, no segundo semestre do ano 2000. Relatamos e analisamos no decorrer do artigo as atividades realizadas pelos alunos com cópias das obras de Pieter Bruegel.

Palavras-chave: ensino de história; pintura; documentos históricos.

O presente artigo atenta para o uso da pintura no ensino de história, tomando-a como objeto portador de qualidades artísticas, fonte documental e recurso de investigação em sala de aula que possibilita uma melhor compreensão histórica das sociedades¹.

A sociedade contemporânea caracteriza-se entre outros aspectos pelo contato com imagens. O impacto dos cartazes publicitários, outdoors, TV, e outros tipos de imagens exigem uma leitura rápida, que contribui para o não desenvolvimento do hábito de observar, refletir, analisar e até mesmo realizar uma leitura crítica. O mesmo acontece quando nos deparamos com a pintura, a fotografia, a arquitetura, pois raramente sabemos analisá-las, uma vez que não realizamos uma apreciação adequada desses elementos e não os tomamos como documentos portadores de significados.

O uso da arte, como a pintura, no ensino de história, assim como no ensino de modo geral, permite um maior contato de nossos alunos com esse tipo de “manifestações da atividade humana”, já que, segundo Jorge Coli, é complicado encontrar uma resposta para a pergunta: O que é arte? No entanto, pode-se dizer que:

(...) arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. (...) se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa idéia e como devemos nos comportar diante delas (COLI, 1985, p. 8).

De acordo com Jorge Coli, sabemos que um objeto, como uma pintura por exemplo, é ou não arte, a partir do discurso do crítico, do historiador da arte, do conservador de museu, que atribuem o estatuto de arte a um objeto. Também há lugares específicos onde a arte pode manifestar-se, como o museu, a galeria, a sala de concerto, teatro, cinema, revistas especializadas. Verifica-se então, que nossa cultura possui instrumentos que determinam o que é ou não arte.

O uso da arte no ensino de História, particularmente a pintura, se dá na maioria das vezes como mera ilustração de frases e textos,

não considerando que pode ser tomada como fonte documental, uma vez que é portadora de dados explícitos e/ou implícitos, contendo elementos que podem ser contextualizados com o seu tempo. A utilização da pintura como documento e recurso é uma forma de levar nossos alunos a aprender a ler imagens criticamente, apreciando-as, interpretando-as e analisando a sua produção e seu conteúdo. Ao enumerar e descrever o que vemos numa pintura, ou seja, ao analisá-la, podemos descobrir muitas coisas importantes que não vemos se realizarmos uma leitura rápida.

Ana Mae Barbosa, na obra “A Imagem no Ensino da Arte”, aponta para a importância do ensino de Arte na escola uma vez que esta se apresenta como um instrumento do desenvolvimento das crianças, e como um componente de sua herança cultural. Arte, como toda imagem, oferece outra perspectiva para a comunicação professor-aluno. A autora enfoca que:

Arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano (BARBOSA, 1994, p. 4).

Geralmente os professores realizam uma prática de leitura da obra de arte que leva à simplificação demasiada, limitando a imaginação do aluno. Para a autora, é importante contextualizar a obra de arte, mostrando que não está isolada de nosso cotidiano ou do cotidiano da sociedade que a produziu. O ensino da arte é importante para uma leitura crítica e reflexiva das imagens encontradas no nosso cotidiano. No entanto, é necessário considerarmos que esta prática não deve acontecer apenas em uma disciplina isolada, como nas aulas de Artes, mas sim estar presente no ensino de modo geral, já que vivemos em uma sociedade imagética e a imagem oferece outra perspectiva para a comunicação professor-aluno.

José Vicente de Freitas comenta no texto “Métodos

Alternativos no Ensino da História: o Cinema, a Arte Plástica e a Literatura”, publicado em 1993, sobre a prática interdisciplinar realizada no Ensino de História ao utilizarmos o cinema, a arte plástica e a literatura:

O ensino de História através do estreitamento de relações com outras áreas é o reflexo da busca de novos caminhos que a educação destes novos tempos exige. É a consciência aberta para a interdisciplinariedade, ou seja, um ensino que procure descobrir e/ou estabelecer conexões e correspondências entre as disciplinas, isto é, entre os diferentes níveis de descrição da realidade (FREITAS, 1993, p. 81-82).

A obra de arte não é apenas um objeto estético, é também portadora de valores sociais, carregada de significações, devendo então ser vista como documento. Segundo Freitas, para apreendermos o conteúdo deste documento, seja ele uma pintura ou qualquer outro objeto artístico, é importante saber o mínimo possível sobre as qualidades artísticas do objeto para não cairmos na simplicidade. Na análise de uma obra de arte podemos estudar seus aspectos materiais e técnicos, estado de conservação e autenticidade, destinação, temática e estilo². Também deve-se buscar identificar as relações da obra com uma situação histórico-cultural, desta forma estaremos pensando em uma alternativa metodológica no ensino de História, pois a obra de arte pode ser o tema central de uma aula, além dos alunos poderem ser levados a galerias, exposições, espaços culturais.

É importante considerar que na obra de arte encontramos a visão de mundo do artista, que está inserida no interior de uma macro história. Através da obra é possível entender as idéias, crenças, situação histórica do artista que a criou. No entanto, devemos considerar que a história vai interferir na elaboração do pensamento visual do artista (FREITAS, 1993, p. 83). Verifica-se aí uma estreita relação da arte com a sociedade da época em que foi produzida.

Em estudos sobre “Sociologia da Arte”, realizados por Yolanda

Lhullier dos Santos, também encontramos dados que nos levam a entender que a arte está extremamente ligada com a sociedade que a produziu: a arte exprime valores, relações, concepções que só existem e se expressam nela. A obra de arte é produto de certas influências e deve ser estudada junto com a realidade social. Também deve ser estudado o artista, sua origem social, étnica, econômica, educacional, estilo de vida, hábitos e contatos sociais, atitude, a fim de verificar as influências sofridas em termos sociais.

Para (SANTOS, 1996, p. 18), “A Arte é um produto cultural que tem como objetivo a práxis histórico-social. Ela retrata a realidade da sua época” No entanto, é importante atentarmos para o seguinte problema:

Cabe ressaltar que este confinamento não é um problema da escola em particular, mas de toda a esfera que se limita a informar, a confundir aprender com acumular informação.

Estas considerações foram sendo tecidas à medida que certos trabalhos foram desenvolvidos. No campo da evocação das memórias escolares, referentes ao ensino de História - o que lembravam no campo dos conteúdos, das práticas, das avaliações, dos materiais etc – propôs-se uma socialização de lembranças e um registro individual. Foi neste momento que emergiram, por exemplo, as concepções de História e Geografia:

(...) Segundo Karel Kosik, ‘Toda obra de arte apresenta um duplo caráter em indissolúvel unidade: é expressão da realidade, mas ao mesmo tempo cria a realidade, uma realidade que não existe fora da obra ou antes da obra, mas precisamente apenas na obra’ (1976, p.115) (...) (SANTOS, 1996, p. 18).

A partir das palavras de Karel Kosik, entendemos que a obra de arte possui duas realidades: a realidade da própria sociedade e a representação da realidade vista pelo pintor e expressa na obra. A obra de arte permite ao artista expressar suas visões de mundo, modificando ou acrescentando algo de novo. Através da arte o artista pode expressar o mundo que idealiza, um mundo de acordo com

suas exigências e que se contrapõe ao mundo real. Vemos então, que a arte não é apenas reflexo de uma sociedade, de um período histórico, mas também uma das possibilidades de expressar valores culturais, ideologias, sentimentos e pensamentos do artista.

A partir das considerações apresentadas anteriormente sobre a obra de arte e o ensino de História, com o objetivo de demonstrarmos de forma mais concreta a relação da obra de arte com a sociedade que a produziu, tomamos para estudo a obra de Pieter Bruegel, o Velho (1525? – 1569), pois o artista retratou o cotidiano dos camponeses no século XVI. Apontamos algumas questões sobre o contexto histórico-cultural da época, uma vez que este se apresenta indispensável para compreender os significados implícitos e/ou explícitos na obra, buscando melhor utilizá-la como documento histórico, rico em significados, não esquecendo também que se trata de um objeto portador de qualidades artísticas.

Pieter Bruegel nasceu provavelmente entre 1525 e 1530 perto de Breda, numa aldeia chamada Brueghel ou Brogel, no Brabante setentrional, região dos Países Baixos, hoje compreendido na Holanda, local em que a arte passou a ter um estilo mais simples. Os historiadores da arte E. H. Gowbrich e Arnold Hauser comentam em suas obras sobre a inovação artística no Norte. Nos países do Norte os artistas começaram a pintar imagens buscando refletir a “vida real”, pois estavam menos preocupados com a harmonia e a beleza. No entanto, apesar das inovações de Jan Van Eyck³, as regras matemáticas da perspectiva, o conhecimento da anatomia científica e o estudo dos monumentos romanos ainda não estavam presentes entre aqueles artistas.

Nos países do Norte os pintores, assim como os escultores, sentiam necessidade de entender os novos princípios de arte, para posterior utilização. Entre esses pintores podemos citar os alemães Albrecht Dürer (1471 – 1528) e Lucas Cranach (1472 – 1553).

O domínio da ciência e do conhecimento da arte clássica

manteve-se por algum tempo na posse exclusiva dos artistas italianos da Renascença. Mas a vontade apaixonada de criar uma nova arte, que fosse mais fiel à natureza do que tudo o que fora visto até então, inspirou também os artistas da mesma geração no Norte (GOMBRICH, 1988. p. 176).

Os Países Baixos (atual Holanda e Bélgica) no século XV, produziram pintores que eram famosos em toda a Europa, como: Jan van Eyck (1390? – 1441), Rogier van der Weyden (1400? – 1464) e Hugo van der Goes (falecido em 1482). Esses artistas geralmente encontravam-se no intervalo entre os velhos métodos da arte gótica e os novos métodos da arte renascentista. Gombrich exemplifica, explicando que em alguns quadros era possível encontrar a tradição de Jan van Eyck, assim como habilidade na perspectiva científica, familiaridade com a arquitetura clássica e domínio do jogo de luz e sombra, ou seja, conhecimentos de realizações italianas, resultando em um quadro com pouca harmonia.

No século XVI as realizações e invenções dos artistas italianos começaram a ser conhecidas por artistas do Norte. Através da estampa calcográfica e da arte da xilogravura, a arte renascentista italiana pôde ser conhecida em diversos países europeus, assim como as idéias artísticas do norte. Três realizações dos artistas italianos chamaram a atenção dos artistas daquela região: descoberta da perspectiva científica, conhecimento de anatomia e representação perfeita do corpo humano, conhecimento das formas clássicas de construção.

No entanto, no norte da Europa os artistas enfrentaram uma crise provocada pela Reforma, e é dentro deste contexto que podem ser percebidas as mudanças na criação artística: os protestantes eram contra a existência de quadros e estátuas de santos. Os pintores nas regiões protestantes perderam suas melhores fontes de renda. O que restava como fonte regular de renda era a ilustração de livros e a pintura de retratos, estabelecida pelo artista Hans Holbein (1497 – 1543).

Nos Países Baixos, a arte só sobreviveu à Reforma porque os

artistas desta região especializaram-se em assuntos que a Igreja Protestante não podia contrariar. Estes eram reconhecidos como mestres na imitação da natureza, e começaram a fazer pinturas dedicando-se a temas inspirados na vida cotidiana, conhecidas como “pintura de gênero”.

Entre os artistas dos Países Baixos que se especializaram na imitação da natureza podemos citar Pieter Bruegel, visto por Gowbrich como o “maior dos mestres flamengos” na pintura de gênero no século XVI, e cujas pinturas foram escolhidas para estudo. Bruegel foi um dos artistas dos Países Baixos que através de suas pinturas procurava apresentar sua interpretação da realidade.

Hauser explica que a pintura de Bruegel não despertava interesse entre o povo, pois, suas obras não foram destinadas ao povo simples, mas sim à aristocracia que considerava a vida da gente simples como uma curiosidade. Pieter Bruegel pinta os camponeses atendendo à exigência de um determinado grupo social que deseja conhecê-los.

Vejamos algumas idéias de Hauser sobre a arte de Bruegel:

(...) só as camadas da sociedade de sentimento e pensamento conservador procuram, na arte uma imagem da sua própria maneira de viver, o retrato do seu próprio mundo social. As classes oprimidas e que lutam pela sua ascensão social, desejam ver a representação de condições de vida que encaram como um ideal a atingir, mas não a espécie de condições de que estão tentando libertar-se. (...) Provou-se que os seus quadros rurais tiveram origem na cultura palaciana. Os primeiros indícios de interesse pela vida rural, como assunto de arte, observaram-se nas cortes (...). A vida da gente simples do campo e da classe trabalhadora foi considerada (...) como uma curiosidade, qualquer coisa de estranho e de exótico (...) (HAUSER, 1982, p. 524 – 525).

Bruegel, conhecido como pintor de gênero, é especialista em um determinado tema de representação – a vida cotidiana dos camponeses. Em algumas de suas obras Bruegel pinta as pequenas aldeias rurais, fornecendo-nos documentos iconográficos que

permitem conhecer a cultura camponesa no século XVI no norte da Europa. Mas, é importante destacar que seus quadros não só nos permitem conhecer o cotidiano dos camponeses como também a concepção de mundo do artista, seus ideais expressos em suas pinturas.

O pintor freqüentava festas populares como casamentos e bailes, tendo a oportunidade de conhecer a “gente do povo, as multidões coloridas e barulhentas que iriam povoar seus quadros futuros: camponeses, mendigos, bêbedos, soldados, boêmios, bruxas, bufões e mascarados” (SOUZA, 1978, p. 03).

Observa-se nas obras de Bruegel que o artista não se preocupou apenas com a pesquisa estética. Ao contrário de alguns artistas renascentistas que pintaram deuses, heróis, reais ou mitológicos, Bruegel pintou homens e mulheres da camada popular da sociedade, seu cotidiano, seus temores, suas fantasias. Bruegel buscou inspirações para suas pinturas nas tradições culturais e nas experiências vividas pelo povo flamengo.

Ao realizar viagens à Itália e ter contato com obras de outros artistas renascentistas, Bruegel pôde fazer descobertas. Enquanto os artistas renascentistas da Itália usavam a paisagem como um pano de fundo para a cena principal, Bruegel fazia o contrário, para ele a paisagem era tão importante quanto os outros personagens, e o artista a descreve procurando aproximar o possível da realidade, sem artifícios, evitando alterar o que via na natureza, ao contrário dos italianos que a representava buscando equilíbrio e harmonia. Atentemos, porém, aos contrastes geográficos dessas regiões e, portanto, a influência de cores, luzes e relevos diferentes apresentados nos quadros, não somente como representação, mas, como também no recorte de perspectiva.

Além de mostrar através da pintura os fatos do cotidiano do povo flamengo, e aqui podemos citar as obras Banquete Nupcial (1568), Dança Campestre (1568), Jogos Infantis (1560) e Caçadores na Neve (1565), tomadas como objeto para nosso estudo, Bruegel também procurou exprimir através da pintura o que os homens

pensavam, sentiam ou imaginavam, trabalhando com temas ligados ao imaginário do povo flamengo, buscando ser fiel ao seu cotidiano. Entre esses temas encontramos a avareza, a luta do bem contra o mal, destacando figuras de monstros, morte e fartura, dentre outros. Estes temas são encontrados respectivamente nas obras: Margarida, a Louca (1562), A Queda dos Anjos Rebeldes (1562), O Triunfo da Morte (1562-63) e O País da Cocagna (1567).

Ao pintar temas religiosos como a obra A Adoração dos Magos (1564), o ambiente continuou sendo o meio rural flamengo, as figuras são envelhecidas pela subnutrição e pela doença. O interesse de Bruegel se voltou à sociedade flamenga de seu tempo, e é este um dos motivos que nos leva a tomar suas obras como documentos que nos permitem conhecer esta sociedade, sem esquecer que se trata de obras produzidas no período renascentista e também são importantes para conhecer algumas características deste movimento cultural.

Com o objetivo de verificarmos como algumas pinturas de Pieter Bruegel podem ser utilizadas no ensino de história, foi desenvolvida uma experiência utilizando cópias de quatro obras de Bruegel: Banquete Nupcial (1568), Dança Campestre (1568), Jogos Infantis (1560) e Caçadores na Neve (1565). Essas quatro obras possuem temas semelhantes, pois mostram cenas da vida camponesa no século XVI, em aldeias no norte da Europa.

A experiência teve como proposta inicial trabalhar com a análise da reprodução das quatro pinturas de Bruegel citadas anteriormente. Deste modo, a partir de uma aula sobre o Renascimento Cultural Europeu foi possível trabalhar o Renascimento no norte da Europa e conseqüentemente as pinturas de Bruegel.

Para ministrar uma aula que envolvesse as pinturas de Bruegel foi escolhida a 1ª série, turma A, turno matutino do Colégio Estadual Professora Regina Tokano – Ensino Médio, município de Uraí, Paraná. A aula foi ministrada no final do segundo semestre do ano letivo 2000.

Quanto à turma escolhida para a aplicação da experiência, é importante destacarmos que foi levado em consideração em um primeiro momento o planejamento anual da disciplina de História, elaborado pela professora da turma. De acordo com o planejamento, o tema “O Renascimento Cultural” deveria ser estudado no segundo semestre, e como o momento pareceu oportuno para o estudo das pinturas de Pieter Bruegel, procedeu-se à observação de algumas aulas de história ministradas pela professora regente a fim de conhecer os alunos para posterior aplicação.

Durante o período de observação verificamos que era uma turma com 33 (trinta e três) alunos matriculados no início do período letivo. Observamos também que era uma turma bastante interessada e não demonstravam dificuldades em compreender os conteúdos explicados pela professora.

Tendo como tema “O Renascimento Cultural”, preparamos uma aula e produzimos um texto que serviu como complemento para o capítulo sobre O Renascimento Cultural Europeu, presente na apostila adotada como material didático pelo Colégio. A experiência sobre o uso da pintura no ensino de história foi desenvolvida no decorrer de seis aulas, pois já nos encontrávamos no final do ano letivo de 2000.

Nas duas primeiras aulas realizamos o estudo do texto “O Renascimento Cultural” que por sua vez privilegiou os seguintes assuntos: Condições históricas; Humanismo; O Renascimento na Itália; Principais características do Renascimento; As três fases do Renascimento italiano: Trecento, Quattrocento e Cinquecento; O Renascimento no norte da Europa.

A terceira aula foi direcionada para um comentário sobre o Renascimento no norte da Europa e com o auxílio de um mapa explicamos aos alunos a localização dos Países Baixos, aproveitando o momento para iniciar o estudo sobre o pintor Pieter Bruegel. Nesta aula ainda foi utilizado como referência o texto sobre o Renascimento Cultural e os alunos também tiveram em mãos uma breve biografia sobre o pintor estudado.

Na quarta e quinta aulas explicamos aos alunos que entre as diversas obras de Bruegel, quatro foram escolhidas para análise e identificação de características renascentistas: Banquete Nupcial (1568), Dança Campestre (1568), Jogos Infantis (1560) e Caçadores na Neve (1565). Através de transparências coloridas foram apresentadas as pinturas de Bruegel destacando o ano em que foram produzidas. Os alunos foram orientados para escreverem no caderno o que estavam observando em cada pintura.

Após essa etapa os alunos foram questionados sobre o que haviam observado nas pinturas de Pieter Bruegel. Esta pergunta despertou a atenção dos alunos e permitiu desenvolver a proposta de trabalho: analisar as pinturas de Pieter Bruegel.

Neste artigo, transcrevemos a análise realizada pelos alunos sobre a imagem da obra Banquete Nupcial.



Banquete Nupcial (114 x 163 cm; 1568) encontra-se no Kunsthistorisches Museum em Viena. Fonte: Souza, 1978, p. 3

Ao enumerarem o que observaram em Banquete Nupcial os alunos destacaram:

A festa é realizada em uma casa muito simples e há muitos convidados. Há bastante comida e bebida. Também há muitos jarros vazios. Talvez a bebida fosse vinho. Observa-se também a presença de músicos com instrumentos, em pé, tocando. As crianças geralmente não sentavam à mesa junto com os adultos, observamos isso na criança que está de chapéu vermelho com uma pena de pavão na cabeça. A criança está comendo com a mão, sentada no chão e vestida como adulto. A comida é servida sobre a porta. As pessoas que estão servindo a comida estão de avental ou com uma colher suspensa no chapéu (alunos 1ª série A).

Os alunos não iam além dessas informações, falavam apenas o que estava explícito na pintura, não procuravam por informações implícitas, pois estavam acostumados com uma leitura rápida da imagem. Então chamamos a atenção dos alunos para o que não haviam percebido.

No caso de Banquete Nupcial destacamos: As pessoas não estão sorrindo; A noiva encontra-se sentada na frente de um manto verde, pendurado na parede, com uma espécie de coroa suspensa sobre a cabeça. Provavelmente, o manto e a coroa devem ter algum significado, como por exemplo, fertilidade e prosperidade para o casal; O noivo (no canto inferior direito da tela) está representado de uma forma que subentende que esteja tomando conselhos do sacerdote da aldeia. O sacerdote está representado com uma roupa diferente dos demais; Sentado em uma cadeira, enquanto todos estão em bancos, vemos o ancião da aldeia, ou seja, “o chefe”, que geralmente era a pessoa mais idosa; Sobre o chefe da aldeia, pendurado na parede há um punhado de trigo, que certamente também tem algum significado, como por exemplo, fartura; A comida servida é muito simples, pois se trata de uma papa, um mingau. Mesmo sendo uma comemoração, não há carne.

Embora os documentos iconográficos tenham sido trabalhados um a um, houve a preocupação de colocar para os alunos questões que não os deixassem perder de vista o objetivo central e que os fizessem relacionar um documento com o outro. Então, após enumerarem o que observaram nas pinturas os alunos foram

interrogados com outras perguntas: Vocês sabem alguma coisa sobre a vida dos camponeses no século XVI nas aldeias localizadas no norte da Europa? Como viviam? Será que eles viviam completamente diferentes de nós hoje? Os alunos responderam e tomamos o cuidado de anotar:

Eram pessoas simples e pobres (...) as crianças vestiam-se como adultos e praticavam alguns jogos que ainda hoje praticamos (...) eram alegres e assim como nós festejavam no casamento e dançavam nas festas (...) no inverno caçavam para comer (...) não eram completamente diferente de nós porque naquele tempo as crianças já praticavam algumas brincadeiras existentes até hoje (alunos 1ª série A).

A partir das respostas dos alunos perguntamos: Em nenhuma pintura os camponeses são retratados sorrindo, então como vocês sabem que estão alegres? Como vocês sabem que são simples e pobres? Para estas perguntas os alunos responderam o seguinte:

Eles não estão sorrindo, mas estão dançando e tem pessoas com instrumentos musicais, então se estão tocando e dançando é porque estão alegres (...) são simples e pobres porque no inverno precisam caçar para comer (...) na festa a comida é servida sobre uma porta e a comida é uma papa (...) a casa onde há a festa de casamento é muito simples (alunos 1ª série A).

Os alunos da 1ª série A não haviam lido nenhum documento escrito sobre os camponeses, às perguntas foram respondidas tendo como base o documento iconográfico projetado na tela. As suas respostas foram a partir do que já havíamos enumerado e comentado sobre as pinturas de Bruegel. Mesmo sendo a primeira vez que esses alunos analisaram uma imagem e não estando acostumados com esse tipo de exercício, o que fizeram foi muito produtivo, pois, possibilitou o conhecimento do conteúdo das obras de Bruegel.

Finalizando a análise das pinturas, chamamos novamente a atenção para o aspecto físico do camponês; a ausência de sorriso; a arquitetura das casas; o seu trajar; a sua comida; enfim, como o

camponês constrói o seu mundo, ou como Bruegel constrói e apresenta o mundo do camponês. Comentamos sobre a importância do documento iconográfico, o quanto nos permite conhecer as sociedades. É importante enfatizar que não estamos desvalorizando o documento escrito, ambos se complementam permitindo conhecer ainda melhor determinada história.

A sexta e última aula foi reservada para a realização de atividades e para a montagem de um painel com as pinturas de Pieter Bruegel. Antes dos alunos começarem a realizar as atividades propostas, projetamos novamente na tela as quatro pinturas de Bruegel utilizadas para estudo: Banquete Nupcial, Dança Campestre, Caçadores na Neve e Jogos Infantis. Explicamos algumas características da arte renascentista que são visíveis nas obras de Bruegel, como o antropocentrismo e o naturalismo. Em seguida, pedimos para que os alunos realizassem a primeira atividade que consistia em responder a seguinte pergunta: Quais as idéias renascentistas que podem ser identificadas nas pinturas de Pieter Bruegel: Dança Campestre; Banquete Nupcial; Jogos Infantis e Caçadores na Neve? Os alunos forneceram respostas enfatizando principalmente o Antropocentrismo, o Naturalismo e a Perspectiva Matemática:

Em todas as pinturas de Pieter Bruegel o homem está presente (Antropocentrismo). (...) Em Caçadores na Neve as montanhas parecem estar longe (Perspectiva Matemática) (Sylvia).

O Naturalismo também está presente pois podemos observar animais, montanhas, enfim a natureza (...) (Rosimeri).

(...) Perspectiva Matemática (...) como na obra: Caçadores na Neve, as montanhas e a igreja, parecem estar bem longe (...) estética, ele pintava bem o corpo e o rosto das pessoas (...) (Beatriz).

Talvez mesmo inconscientemente alguns alunos enfatizaram características próprias das pinturas do norte, assim como conquistas técnicas (quadro realizado em cavalete), mas que acabaram sendo conhecidas também por artistas renascentistas italianos:

Uma das principais características das pinturas de Bruegel, são os quadros realizados em cavaletes, a profundidade dos cenários, a incorporação dos campos e cidades, a representação variada de rostos, corpos, flores, animais, elementos e objetos que se pode observar. (...) E sua maior preocupação estava na representação do ser humano, pois em todas as suas pinturas vimos o homem (Giselle). (...) Profundidade dos cenários (...) Quadro realizado em cavalete (...) (Aline).

Alguns alunos destacaram também a capacidade do pintor de perceber as diferenças (racionalismo):

(...) Individualismo, pintava os pobres, os camponeses, diferentes da aristocracia (...) (Wagner).

Ao analisar as atividades, verificamos que mesmo os alunos que somente reproduziram as informações contidas no texto de apoio sobre o Renascimento Cultural ou ditas em sala, ao transpô-las para a folha de atividade já fizeram um exercício de reflexão.

A segunda atividade proposta aos alunos foi análise em grupo de uma pintura de Pieter Bruegel (já analisada anteriormente em sala de aula), para a montagem de um painel contendo as pinturas e as respectivas análises. Trata-se de uma forma de socializar a experiência realizada em sala de aula, pois expondo o que haviam analisado, permitiria que outros alunos e professores conhecessem o trabalho com a pintura. Desta forma os alunos foram divididos em quatro equipes e cada equipe recebeu a cópia de uma pintura de Bruegel.

Ao analisarem as pinturas em equipe para montagem do painel, os alunos não foram apenas enumerando o que viam na pintura, pois se preocuparam em criar um texto para apresentar as pinturas àqueles que fossem apreciá-las. Vemos isso na análise da obra Banquete Nupcial:

Pieter Bruegel foi um dos artistas mais talentosos na pintura de cenas da vida cotidiana. Seus quadros mostram aldeias de camponeses, seus costumes, o cotidiano desse povo. Um dos seus quadros foi o Banquete Nupcial, no qual relata através

da pintura uma festa de casamento em uma aldeia de camponeses. Nota-se que as pessoas (mesmo estando em uma festa) estão sérios, pois sua vida cotidiana é sofrida e triste. As crianças são vestidas como adultos; as roupas são coloridas com tons fortes. Nessa festa havia muitas pessoas e notamos que a casa era muito simples, onde foram retiradas as portas para servir como bandejas; a comida tinha ausência de carnes, sendo servido uma espécie de papa, pães e vinhos que eram servidos em jarros. Os cozinheiros serviam a comida e estes eram diferenciados, pois um usava um avental e outro em seu chapéu havia uma colher. Também percebe-se naquela época o uso de objetos com fundo significativo como: o trigo pendurado na parede que poderia estar indicando fartura e o pano verde pendurado atrás da noiva, significando fertilidade. A noiva usava uma espécie de coroa na cabeça. Na pintura era retratado o antropocentrismo, onde o homem passa a ser o centro das atenções. O ancião (pessoa mais idosa da aldeia), era sentado em uma cadeira diferente, simbolizando respeito. Enquanto a noiva participava do Banquete Nupcial, o noivo conversava com o sacerdote pedindo conselhos. Este foi um relato sobre uma pintura do Renascimento, onde Pieter Bruegel nos mostra como era uma festa de casamento camponesa (Alunas: Pollyana, Sheila, Cristiane, Mariane, Daniela e Kelly).

No momento da análise em grupo os alunos já se encontravam mais familiarizados com as pinturas, seus textos nos mostram que além de reproduzir o que já havia sido comentado sobre as pinturas de Bruegel no momento da análise com a turma, também “ousaram” mostrando características renascentistas e suas interpretações sobre o que viam.

Para encerrar a experiência, os alunos foram orientados a escrever o que acharam sobre o uso da pintura no ensino de história. Os alunos em geral escreveram quase no mesmo tom:

Eu achei importante, interessante, pois falar sobre a história de uma sociedade, de um povo, apenas nos dá um tipo de imaginação, mas quando olhamos uma pintura retratando sobre a história de uma determinada sociedade não só aprendemos como também nos interessamos mais sobre o assunto. Analisar uma pintura é mais proveitoso do que ler e tentar imaginar sobre o texto (Pollyana).
(...) com a professora usando pinturas (quadros de Pieter

Bruegel) ficou mais fácil de entender sem contar que as pinturas deixaram a aula melhor porque chamou a atenção de todos fazendo com que ficássemos mais atentos, entendendo melhor a vida dos camponeses (...) (Juliana).

É importante enfatizar que foram utilizados estudos realizados por historiadores como Peter Burke e Fernand Braudel, para melhor contextualizar os elementos presentes na pintura de Bruegel, e conseqüentemente realizar uma melhor análise, existindo assim uma interação entre documento escrito e iconográfico. Burke e Braudel nos permitiram compreender a cultura do camponês, o porque da alimentação simples, a aparência envelhecida das pessoas, a forma como era a moradia e seus costumes.

A cultura surge de todo um modo de vida, e os camponeses dos inícios da Europa moderna não tinham um modo de vida uniforme. (...) Se a cultura surge de todo um modo de vida, é de se esperar que a cultura camponesa varie segundo diferenças ecológicas, além das sociais; diferenças no ambiente físico implicam diferenças na cultura material e estimulam também diferentes atitudes (BURKE, 1995, p. 56-57).

Burke explica que, considerando o conjunto de toda a Europa temos alguns camponeses que viviam em aldeias, outros em cidades como no sul da Itália, outros em fazendas isoladas. Existiam camponeses livres e camponeses servos, ricos ou pobres. O camponês rico era dono de sua terra, alguns sabiam ler e escrever e podiam até mesmo adquirir livros. Geralmente os camponeses das montanhas conservavam hábitos tradicionais por mais tempo do que os das planícies, também havia diferença de linguagem, tipos de casas. Cada aldeia camponesa possuía seus próprios meios de vida, ou seja, sua cultura local.

Até o século XVIII os camponeses estiveram sujeitos tanto às constantes fomes que assolavam a Europa como às doenças. O mundo era "(...) um campo imenso em que 80 ou 90% das pessoas vivem da terra e só da terra. O ritmo, a qualidade, a insuficiência das colheitas comandam toda a vida material (...)” (BRAUDEL, 1997,

p. 36) As alterações do clima afetavam as lavouras de trigo, arroz, a vinha, os animais, e conseqüentemente o homem.

O modo de vida do camponês era bastante diferente da burguesia e aristocracia. O camponês estava sujeito às mais variadas restrições possíveis e a alimentação é um bom exemplo disso, pois se alimentavam de vegetais crus e cozidos, sempre monótonos, como: papas, sopas ou pão. Também temos no século XVI alguns produtos considerados de luxo, e que na maioria das vezes estavam presentes apenas entre os ricos, primeiros pratos rasos, garfos, camas de penas de cisne, taças, cadeiras, lenços e algumas frutas como a laranja. O uso da colher só se generalizou no século XVI, assim como o hábito de fornecer facas, pois antes cada um levava a sua. Geralmente o copo era usado em comum. Os pratos de madeira foram usados na Alemanha rural até o século XIX.

Como vemos os estudos realizados por Burke e Braudel juntamente com as pinturas de Bruegel permitem conhecer a cultura camponesa no período renascentista.

A partir das quatro obras de Bruegel estudadas em sala de aula, os alunos perceberam a relação da obra de arte com a sociedade que a produziu, uma vez que as pinturas de Bruegel são verdadeiros documentos iconográficos, em que o artista busca retratar o cotidiano dos camponeses no século XVI. Através das pinturas de Bruegel, os alunos também puderam perceber de forma mais concreta algumas características da arte renascentista, que estiveram presentes nas obras de artistas do norte europeu.

Sobre o trabalho realizado utilizando as pinturas de Pieter Bruegel como fonte documental, notou-se que o uso das pinturas despertou o interesse dos alunos para a aula. As pinturas são coloridas, possuem temas que despertam o interesse do aluno e ao contrário do documento escrito, permitiram que os alunos conhecessem elementos da cultura camponesa de uma forma mais concreta. As pinturas de Bruegel também se tornaram objeto de referência importante, uma vez que até o momento os alunos as desconheciam como fonte documental e durante a experiência tudo

que os alunos falavam sobre os camponeses era com base no conteúdo das obras.

No decorrer do trabalho com as pinturas observou-se que os alunos ficaram inquietos, ansiosos para poderem ter em mãos as cópias projetadas na tela, enumerando o que viam e comentando entre si. Os alunos demonstraram interesse e participaram da aula, apresentando-se receptivos a este tipo de documento. Entendemos que a forma como agiram foi normal, pois estavam diante de algo novo, nunca haviam analisado uma pintura, e a pintura analisada estava lhes revelando uma história: a cultura camponesa no século XVI no norte da Europa.

O resultado da experiência com as pinturas na aula de história foi bastante satisfatório já que os alunos as entenderam como um documento histórico. No entanto, esta foi apenas uma experiência sem continuidade, pois até então, não haviam analisado uma pintura ou qualquer outra imagem em sala de aula, com a orientação de um professor.

É importante ressaltar que para a realização da experiência pedagógica, houve uma preparação a partir da leitura de obras de historiadores da arte e textos que discutem o uso da imagem, bem como um estudo da vida do artista e suas obras, o que nem sempre é possível de ser realizado no cotidiano de trabalho do professor, o que não invalida a experiência e nem obstaculiza sua aplicação em outros momentos em sala de aula.

Considerando necessário refletir sobre como hoje o conhecimento histórico se coloca, para que tenhamos “um compromisso renovado com o papel educativo, crítico e projetivo que qualquer conhecimento almeja” (FERREIRA, 1995, p. 37), pontuamos neste artigo algumas questões sobre o uso da pintura como fonte documental no ensino de História. Defendemos a realização de uma leitura que busque conhecer os problemas de uma determinada sociedade no período em que a obra foi produzida, realizando devidamente uma análise, contextualização e reflexão sobre a pintura, o pintor e o período em que foi produzida,

estimulando os alunos a desenvolverem o hábito de uma leitura reflexiva das imagens, pois é importante considerarmos que o conhecimento só tem sentido no momento em que puder sustentar ou conduzir novas posturas, atitudes ou práticas sociais.

Torna-se necessário, portanto, que os professores conheçam a importância do trabalho com a pintura em sala de aula para que os alunos tenham um maior contato com este tipo de documento. O uso da pintura contribuiria assim, de forma significativa para a formação de pessoas capazes de lerem, interpretar e criticarem as diversas imagens e mensagens, em seus diversos suportes, presentes em seu cotidiano.

Notas

*Érica Ramos Moimaz é graduada em História, Especialista em História Social. Aluna do Curso de Mestrado em História Social – área de concentração: História e Ensino, da Universidade Estadual de Londrina. Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná.

** Ana Heloísa Molina é professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina.

¹ Este artigo resulta de leituras e estudos realizados no ano 2000 para escrever a monografia apresentada no Curso de Especialização em História Social, na Universidade Estadual de Londrina.

² O estudo dos aspectos materiais e técnicos de uma obra de arte, como a pintura, permite-nos conhecer quais foram as técnicas e materiais utilizados, se houve inovação ou utilizou técnicas e/ou materiais conhecidos. Qual o suporte da obra: parede, tela ou papel. A pintura é criada fisicamente, e a compreensão das técnicas utilizadas, como o emprego da tinta a óleo ou o uso do afresco, assim como o conhecimento do papel desempenhado pela distribuição das cores, dos tons, das luminosidades e, se houve o domínio da ilusão do espaço e da luz, aumenta nossa apreciação da obra. Também é importante verificar se na obra existe uma hierarquização formal dos objetos retratados, que auxilia ou não no entendimento temático.

³ O pintor Jan Van Eyck (1390? – 1441) foi famoso pelas suas pinturas de retratos. Dedicou-se à observação da natureza reproduzindo seus detalhes com exatidão. Enquanto os artistas florentinos tinham desenvolvido um método pelo qual a natureza podia ser representada num quadro com exatidão quase científica __ começavam com uma estrutura de linhas em perspectiva e construíam o corpo humano através do conhecimento de anatomia, Van Eyck procurava reproduzir a natureza através da adição de detalhe após detalhe. Van Eyck também aperfeiçoou a técnica da pintura inventando a pintura a óleo, sendo aceita como a mais adequada.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. Campinas: Perspectiva, 1994.

BRAUDEL, Fernand. **As Estruturas do Cotidiano: Civilização Material, Economia e Capitalismo – séculos XV-XVIII**. Trad. Telma Costa. v. 1. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FERREIRA, Antônio Celso. História Fast Food (ou alguns problemas da teoria e da narrativa histórica neste fim de século). In: SILVA, Zélia Lopes (org.) **Cultura Histórica em debate**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1995. p.31-37

FREITAS, José Vicente de. Métodos Alternativos no Ensino de História: o Cinema, a Arte Plástica e a Literatura. In: **Revista de Pós Graduação em História**. Assis: Unesp, 1993, v.1, p. 81-88.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Trad. Álvaro Cabral. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HAUSER, Arnold. **História Social da Literatura e da Arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

SANTOS, Yolanda Lhullier dos. A Produção Artística do Ponto de Vista Sociológico. **ARTEunesp**. São Paulo, nº 12, 1996.

SOUZA, Isabel Rocha C. (trad.) **Obras-primas de Brueghel**. São Paulo/ Lisboa: Verbo, 1978.

Abstract

This article is the result of studies and readings performed along the year 2000 to verify the use of iconographical documents as documental source, contributes to a better historical understanding of societies. It allows, this way, to know the use of painting as the holder of artistic qualities and documental source. To perform this study about art and history, we have chosen the renaissance period, particularly the Flemish renaissance period, characterized by genre painting, in which the artists engaged in painting the daily life. Because of this, we present, along the text, some questions about the renaissance cultural historic context. With the objective of reflecting upon the use of painting in the classroom, we have chosen the work of Pieter Bruegel, artist who lived in the Flemish cities during the European cultural period. Bruegel is considered the greatest genre painting Flemish master in the XVI century, concentrating on the peasant life scenes, in the small rural north European villages. We have also used studies that help in the comprehension of elements that are present in Bruegel work. This way, we use analyses performed by historians like Fernand Braudel and Peter Burke. To analyze the use of paintings in the teaching of History we performed some activities with students in the second semester of the year 2000. The students were from the first year High School Colegio Estadual Professora Regina Tokano – Uraí – Paraná. Along the article, we report and analyze the activities performed by the students who used Pieter Bruegel work.

Keywords: history teaching; painting; historic documents.

